

Orquestra Gulbenkian

**Alunos do Artallis,
Conservatório d'Artes de Loures
Diogo Costa**

Sons de uma Revolução

14 set 24

14 set 24 SÁBADO 17:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian
Alunos do Artallis,
Conservatório d'Artes de Loures

Diogo Costa Maestro

Mikhail Karikis Direção artística

Maruan Sipert Coreógrafo

Sara Ross Coordenação de compositores

Isaac Fernandes Direção Artallis

Manon Marques Professora de voz

Sons de uma Revolução

1. Mikhail Karikis

(Mesmo que me queime) farei da chama fogueira

2. Francisco Joaquim

(Sufoco com o peso) da fumaça inspirada por borboletas

3. Teresa Gentil

(Na minha sede) ainda vou encontrar nos teus lábios um cravo*

4. Sara Ross

(Na aridez dos dias) acredito na terra da possibilidade

* Inspirado num verso do poema "as cidades desertas",
de Judite Canha Fernandes, em *O mais difícil do capitalismo*
é encontrar o sítio onde pôr as bombas, 2018, Editora Urutau.

Sons de uma Revolução é um projeto
participativo desenvolvido em parceria:
Centro de Arte Moderna (CAM), Gulbenkian
Música e Conservatório Artallis de Loures

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 70 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

“Sons de uma Revolução”: processo de construção

1. Estamos juntos

Sim, estamos juntos hoje e agora no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian para assistir ao espetáculo “Sons de uma Revolução”. Evento único, surge de uma encomenda da Fundação ao artista contemporâneo Mikhail Karikis, no contexto das celebrações dos 50 anos da Revolução de Abril. Junta três parceiros institucionais: a Gulbenkian Música, o Centro de Arte Moderna, e o Artallis, escola de artes em Loures. Resulta na união de forças entre cinquenta jovens alunos do Artallis, a Orquestra Gulbenkian, quatro compositores, um coreógrafo, um sociólogo das artes e o público envolto em expectativas. Todos temos um papel importante nesta partilha de tempo e espaço para melhor celebrar Revoluções passadas, presentes e futuras. Sejam bem-vindos!

Há mais de um ano, no início de todo o processo criativo, o diretor artístico Mikhail Karikis insistiu numa das particularidades da nossa Revolução – os cravos de Celeste Caeiro distribuídos e colocados nos canos das armas naquela manhã de Abril. Deste gesto espontâneo e altamente simbólico, vem uma primeira questão estruturante para a construção do espetáculo: “Sendo o cravo um aliado do povo português na Revolução, que papel pode a Natureza ter para guiar e moldar futuros projetos políticos?” Outra das observações feitas por Mikhail Karikis, central no seu trabalho artístico de caráter sociocultural, tem que ver com o exemplo dado por Celeste Caeiro ao usar o que “tinha à mão” – uma flor que se tornará símbolo da Revolução.

Os jovens músicos em formação no conservatório Artallis são a matriz humana neste espetáculo porque celebrar as conquistas passadas também implica incentivar as Revoluções que estão por vir. Fundada em 2008, é uma escola de ensino artístico especializado do concelho de Loures, atenta ao problema da exclusão social e com a missão de “com o poder da arte, criar felicidade, transformar vidas e mudar o mundo”. No cimo das colinas, mais especificamente na povoação de Unhos, ergue-se o Artallis, amontoando módulos pré-fabricados que servem de salas de aula. Há que ir visitar, há que sentir o frenesim da juventude a correr de instrumentos às costas, há que escutar as melodias a escapar pelas janelas, há que levantar a cabeça para avistar o rebanho de cabras a atravessar o monte e os aviões a passar de rasante.

As primeiras visitas feitas por Mikhail Karikis ao Artallis coincidem com as cheias de dezembro de 2022. Revelou-se o poder da Natureza ao pôr em risco habitações precárias e tornar os acessos difíceis, lembrando que a Justiça Climática é uma das lutas mais emergentes, cruzando fatores sociais, económicos e políticos. Para não inviabilizar o futuro, é necessária uma Revolução nas consciências e nos atos de todos nós. Já no disco “Festa de Abril” (1987), José Mário Branco nos provocava “a ver se vemos o caminho a percorrer entre o Abril que fizemos e o que está por fazer.” Como pode a Revolução dos Cravos inspirar mudanças que respondam aos desafios atuais, fazendo uso dos instrumentos que estão aí, “à mão” da juventude?

Para pensar e agir, Mikhail Karikis junta-se aos estudantes do Artallis. Começam a conversar e a construir a partir das suas vivências, preocupações e esperanças. Logo de início, duas formas de expressão artística foram evidenciadas: o canto coral e a percussão corporal. De seguida, a matéria-prima criativa dos estudantes foi trabalhada com a inclusão de cinco artistas: Teresa Gentil, compositora, pianista e investigadora, com vasta experiência em teatro, dança e cinema, colabora com serviços educativos; Sara Ross, compositora versátil e eclética, que em 2024 assume a posição de Jovem Compositora em Residência da Casa da Música; Francisco Joaquim, guitarrista e compositor, licenciado pela Escola Superior de Música de Lisboa, ex-aluno e agora professor no Artallis; e o próprio Mikhail Karikis, diretor artístico com vasta experiência internacional na cocriação musical em contextos sociais precários. Para completar a equipa criativa, junta-se Maruan Sipert, coreógrafo e *performer* com carreira internacional, atento às expressões corporais do quotidiano.

Desde outubro de 2023, todos estes elementos se reúnem mensalmente no Artallis para pensar e construir coletivamente o espetáculo ao qual vamos assistir. O mote “Estamos juntos” surge como um desafio lançado por Mikhail Karikis para que cada um dos cinquenta jovens complete o resto da frase partilhando as suas sensações e desejos: “Estamos juntos para não deixarmos ninguém para trás”; “para fazer a diferença”; “para não desistirmos”; “para imaginar um futuro diferente”; “para rirmos”. Sendo o porquê outra das questões essenciais, também surgem propostas como: “Estamos juntos

porque queremos continuar a viver”; “porque nem todos sabem nadar”; “porque há menos recursos”; “porque nos importamos”; “porque abraçamos a diferença”; “porque juntos somos mais do que a soma das partes”, lema do Artallis.

Estar juntos torna-se, assim, uma das matrizes deste espetáculo. Para além dos resultados aos quais vamos assistir, há que não esquecer a importância e os impactos destes muitos meses de cocriação. Martim Silva, saxofonista de dezassete anos, expressa-o da seguinte forma: “Durante estas sessões, sinto abertura para falar do modo que me for mais natural sem qualquer tipo de julgamento e recebo dos outros o mesmo tipo de *feedback*. Isto leva a um maior conhecimento de muitos dos intervenientes do nosso quotidiano e ajuda no desenvolvimento de relações.”

2. Poderíamos

O processo de criação deste espetáculo é tão relevante quanto a sua estreia hoje ao vivo. Houve mais de um ano de intensa colaboração que propomos partilhar de forma condensada nas linhas que se seguem.

Após introduções e conversas alargadas entre os vários parceiros, houve sessões mensais no Artallis de Loures. Cada uma delas requereu muita produção e mediação, asseguradas por Daniela Vieitas do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. As sessões permitiram cocriar com os alunos para nutrir os compositores e o coreógrafo a nível do conteúdo e da direção que o espetáculo iria tomar.

Uma sessão típica começa com as boas-vindas do diretor artístico, convidando os intervenientes a expressar-se sobre o seu estado de espírito, sobre o processo e as etapas. Segue-se o aquecimento dos corpos. Maruan Sipert, bailarino e coreógrafo, inclui alunos e membros da equipa criativa em exercícios vindos da dança contemporânea e da coreografia social. Abraçar a espontaneidade, promover a iniciativa individual e negociar o espaço coletivo, foram chave para fortalecer o grupo. Os alunos do Artallis, na sua maioria entre o 10.º e o 12.º ano de escolaridade, têm agendas preenchidas com aulas, ensaios, atividades extracurriculares, exames, concertos e muito tempo de transportes públicos. Embora habituados às exigências dos processos criativos, os aquecimentos matinais permitiram focar e ganhar energia para as três horas de sessão.

Ainda numa fase inicial, os compositores dividiram o grupo do Artallis em quatro para trabalho específico. Através da escuta do que os alunos pensam e dizem relativamente aos temas centrais deste projeto – a Revolução e as questões climáticas –, foram-se desenvolvendo ideias e pequenas peças musicais a apresentar ao coletivo. Os adolescentes partilharam a sua visão do que significa o 25 de Abril, mas também as preocupações pessoais relativas a precariedade, instabilidade, solidão, ansiedade e ao futuro do planeta. Rapidamente emergiu a ideia de dividir o espetáculo em quatro grandes partes baseadas nos elementos da Natureza: *Fogo, Ar, Água, Terra*. Cada compositor ficou responsável por escrever uma obra original centrada num elemento.

Numa das sessões, Mikhail Karikis propôs estender o mote “Estamos juntos”, que fazia alusão à ideia de comunidade, ao “Poderíamos”, etapa subsequente que remete para ação e esperança. Os alunos completaram: “Poderíamos escutar e julgar menos”; “descobrir quem somos”; “ser mais crianças”; “conseguir incluir toda a gente”; “valorizar as nossas diferenças”; “pintar o quadro de várias cores”; “encontrar uma liberdade comum a todos”; “ter cinco minutos por dia sem aviões a passar”; “arriscar mais”. Há projeção no futuro, há agência individual num grupo de alunos marcado pela diversidade socioeconómica, de identidade de género e de etnia. Para eles, o futuro quer-se aberto e inclusivo!

As intensas dinâmicas de grupo promovidas por Mikhail Karikis e pela equipa de criadores, permitem avançar juntos. Depois de algumas sessões, temos alunos a tratar os compositores por “tu”, há sorrisos partilhados e cumplicidades na cocriação. Simultaneamente, também existem os momentos de tensão. Marta Fortunato, violoncelista de quinze anos, partilha um deles: “O medo da exposição paralisou-me completamente. Contudo os meus amigos lembraram-me de que não estou sozinha e que é perfeitamente normal ficar nervosa. Independentemente daquilo que eu conseguiria fazer, eles não ficariam desapontados nem chateados comigo.”

Em cada sessão iam surgindo novos materiais preciosos para os quatro compositores, a integrar e transformar em partituras. Os libretos foram escritos na base das conversas com os jovens participantes, em particular do que propuseram ao completar o “Estamos

juntos” e o “Poderíamos”. A descoberta das novas composições foi sempre um momento de expectativa. Lendo a partitura no telemóvel ou impressa, os alunos testavam as obras. Arregalavam os olhos e sorriam ao reconhecer frases e melodias que tinham proposto nas sessões.

Avançando no processo de criação, e já com as composições escritas, seguiram-se os ensaios. No Artallis, o professor Isaac Fernandes foi essencial. Trabalhando em estreita colaboração com os quatro compositores, a sua firmeza e clareza no discurso prepararam os alunos para a próxima grande etapa: os ensaios com o Maestro na Fundação Calouste Gulbenkian. Diogo Costa é o Maestro convidado a dirigir a estreia de “Sons de uma Revolução”. Para os alunos, o primeiro contacto é envolto em expectativa e muito respeito pelo seu percurso internacional, pelos prémios que recebeu e pela experiência que tem com as grandes orquestras nacionais. A jovialidade, desenvoltura e seriedade de Diogo Costa, captam a atenção dos alunos que duplicam a concentração.

Por fim aconteceu o primeiro ensaio entre os jovens do Artallis e os profissionais da Orquestra Gulbenkian. A curiosidade de ambas as partes era palpável, sendo o Maestro o principal mediador a ter de garantir a simbiose sonora. Integrar esta grande orquestra é um sonho de muitos estudantes. Para os profissionais é um desafio aliciante porque se estreia um repertório novo, com a participação em palco de cinquenta jovens a cantar e a fazer percussão corporal. Este espetáculo implica unir o espírito

de Abril às Revoluções presentes e futuras, unir gerações, unir formas de expressão artística, sincronizar o público à música e a novas palavras de ordem!

3. Compor uma Revolução

“Sons de uma Revolução” resulta da colaboração entre quatro compositores. Cada um escreveu uma partitura baseada num elemento da Natureza: *Fogo, Ar, Água, Terra*. Sob a direção artística de Mikhail Karikis, o que estrutura e une o todo é a ideia das Revoluções atuais inspiradas no 25 de Abril e conduzidas pela juventude. Para materializar a *performance* juntam-se os talentos dos alunos do Artallis e dos profissionais da Orquestra Gulbenkian. Ao fim de meses de trabalho colaborativo, apostando na cocriação a partir das experiências dos jovens, eis que se revela uma estreia mundial que passamos a descrever, detalhando os quatro momentos inspirados nos elementos naturais.

O espetáculo começa com o elemento **Fogo**, numa composição de **Mikhail Karikis** intitulada **(Mesmo que me queime) farei da chama fogueira**.

Duas perspetivas servem de guias: o fogo das emoções coletivas motivadoras de revoltas partilhadas, mas também o fogo como elemento destrutivo da biodiversidade. A obra começa com um texto falado, resultante das respostas dadas pelos alunos do Artallis à pergunta: “Perante os desafios do colapso do ecossistema e da consequente pressão sociopolítica, o que ainda nos une e motiva a formar comunidades?” Progressivamente, a juventude toma o centro da *performance* com os seus corpos, discursos e música.

Deste acender da chama, somos levados pelo coro *a cappella* a explorar as razões do estarmos juntos. Adivinha-se “Ajuntamento”, no qual se unem diferentes elementos musicais do espetáculo: coro, percussão corporal e orquestra. O compasso ímpar e o ritmo animado foram escolhidos por incutirem um balanço para a frente que anseia ser completado, juntando sempre mais jovens. Segue-se “Manifestação”, um protesto explícito, transitando depois para “Fogo”, com a orquestra a recriar os seus sons. Quando a paisagem sonora do incêndio se acalma, resta uma pequena chama. A peça termina com “Reza”, momento mais íntimo e reflexivo, no qual a luz de uma vela sonora permite recriar o reconforto do calor, do desejo e da esperança.

O segundo momento do espetáculo corresponde ao elemento **Ar**, com uma composição de **Francisco Joaquim** intitulada **(Sufoco com o peso) da fumaça inspirada por borboletas**. O ar é trabalhado sob duas perspetivas: aquele que respiramos, e o efeito que temos nele. Com um carácter mais pessimista – fatalista, até – transmite-se a ideia de um ciclone que cresce exponencialmente em três etapas: “O ar que passa”, caracterizado pelo movimento dos músicos da orquestra e por sons ténues; “O ar que respiramos”, evidenciado nas sonoridades do coro; e “O ar poluído pelas máquinas”, representado pela percussão corporal repetitiva, acompanhada por uma crescente presença instrumental.

Estas três etapas resultam num ambiente obscuro que evolui lentamente. Torna-se mais violento e desencadeia um tornado musical. A apoteose é atingida com “Estamos juntos porque” e no desfecho escutamos o que seria um futuro resultante das consequências deste ciclone planetário. O terceiro momento é dedicado à **Água**, numa composição de **Teresa Gentil** que tem por título **(Na minha sede) ainda vou encontrar nos teus lábios um cravo**¹. Aqui também são duas as formas de perceber o elemento: água que remete à subida dos níveis do mar e a inundações, e água que purifica, que lava os corpos e as almas do nosso mundo. Mais do que destruição imparável, esta dupla aceção pretende incentivar à Revolução. Para isso, Gentil agrega um poema de Judite Canha Fernandes, que motivou sonhos e esperanças nos jovens músicos do Artallis:

quero estar daqui a dez anos
numa casa entre as árvores
ainda existem abelhas
que distribuem as flores pacientemente
entre todas as aves.
um mamífero, uma taça de mel e sal.²

O mesmo poema tem ainda outro verso que ecoou no grupo – “eu ainda acredito nas pessoas”. Na catástrofe iminente, tornou-se motor para encontrar força de mudança humana em simbiose com a Natureza. A peça termina com uma melodia proposta por Matilde Casimiro, percussionista do Artallis: trata-se do regresso a um canto ingénuo,

¹ Inspirado num verso do poema “as cidades desertas”, de Judite Canha Fernandes, em *O mais difícil do capitalismo é encontrar o sítio onde pôr as bombas*, 2018, Editora Urutau.

² Excerto de “Canto do desejo”, em *Carta de amor ao pesadelo*, Almedina, 2023.

um chamamento distante e hipnotizador aos ouvidos dos mais sensíveis.

O espetáculo fecha com o elemento **Terra**, numa composição de **Sara Ross** intitulada **(Na aridez dos dias) acredito na terra da possibilidade**. Terra como matéria, solo e pó, mas também como planeta de destino, uma possibilidade unificadora já que, quando avistado do espaço, forma um todo sem fronteiras. A composição baseia-se numa seleção de frases do “Poderíamos” e numa linha melódica transversal criada por Duarte Henriques, estudante de oboé no Artallis. Desdobra-se em dois andamentos contínuos. O primeiro passa por três etapas que simbolizam a viagem à Terra: “Imagina” reflete as imensas possibilidades latentes do planeta quando visto dos céus; em “Descida”, a atmosfera orquestral torna-se mais densa e resistimos à turbulência, mantendo-nos unidos enquanto se evidencia a complexidade do corpo telúrico; com “Pés na Terra, vamos dançar!” já sentimos o chão, os corpos enraízam-se e experimentam. Através da felicidade na percussão corporal enérgica, transmite-se a ideia de celebração e o mote “Poderíamos dançar juntos” é materializado. Para o grupo de percussão corporal é um momento de *cadena*, sendo ele o impulsionador do espetáculo e de um futuro possível num *groove* da Liberdade originalmente criado por quatro alunos do Artallis. Mas tal êxtase emancipador acaba por ser envolvido por uma tempestade de areia sonora que seca tudo, dando lugar ao segundo andamento marcado pela resiliência. É das terras áridas e a partir de uma Grândola Vila Morena implícita, que brota “Revolução Silente” em crescendo no corpo

de todos os que estão em palco. Emergem palavras de união e sons de uma Revolução.

Aliada à música, a coreografia dos corpos em palco permite unificar os quatro momentos do espetáculo num conceito dramatúrgico. **Maruan Sipert** é o responsável por essa composição espacial. Desenvolve a ideia de “coreografia social”, aquela que percebe o espaço público como principal palco das coreografias que seguimos no quotidiano, sem disso termos consciência.

A movimentação dos corpos na sociedade é controlada e também por isso política. Ganhar essa noção crítica permite questionar dinâmicas de poder. No palco, as movimentações apresentam-se como modelo das relações sociais incorporadas. Por outro lado, Maruan Sipert integra a dança como matéria-prima já existente, seguindo uma perspetiva ecológica. Num mundo de demasias e excedentes, usemos “o que há” e questionemos o que a constante necessidade do novo oblitera. Nesse sentido, o aporte coreográfico no espetáculo faz-se de forma subtil para clarificar dinâmicas, limar movimentos e amplificar o que existe.

Deixemo-nos inspirar pelos sons desta Revolução!

Alix Didier Sarrouy (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, NOVA. FCSH), em colaboração com os seguintes alunos do Artallis:
Alice Prazeres
Guilherme Lopes
Marta Fortunato
Martim Silva

Diogo Costa

Diogo Costa é um dos maestros portugueses mais ativos. Entre os seus projetos recentes e futuros incluem-se convites para a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra do Norte, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra Clássica de Espinho, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese – Grupo de Música Contemporânea. Em Inglaterra dirigiu a Hallé Orchestra e a Filarmónica da BBC em Manchester, a Orquestra Nacional de Gales da BBC, e a West European Studio Orchestra, com a qual tem vindo a gravar em diversos estúdios, entre eles o lendário Abbey Road, em Londres.

Diogo Costa trabalhou na produção de várias óperas com alguns dos mais destacados encenadores e maestros. Em 2019 foi maestro assistente de Lorenzo Viotti, na produção de *Romeu e Julieta* de Gounod, com a Orquestra e o Coro Gulbenkian, e de David Azagra, na produção de *L'elisir d'amore* de Donizetti. Em 2021 estreou-se como maestro principal na produção da ópera *A médium* de Menotti, no Operafest Lisboa.

Presença constante em diversos concursos internacionais, foi laureado no Prémio Jovens Músicos. Em 2020 foi finalista no *Mackerras Fellowship* da Ópera Nacional de Inglaterra e semifinalista na Siemens Hallé International Conducting Competition.

Diogo Costa estudou na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2010 iniciou os estudos de Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra – Metropolitana, com Jean-Marc Burfin. Concluiu com distinção uma pós-graduação no Royal Northern College of Music de Manchester, onde frequentou o Mestrado em Direção de Orquestra, sob a orientação de Mark Heron, Clark Rundell e Sir Mark Elder.

Mikhail Karikis

Mikhail Karikis é um artista greco-britânico que trabalha com imagens em movimento, som, *performance* e outros meios de expressão artística. Colabora com comunidades para além dos círculos da arte contemporânea, e recentemente com crianças, refugiados, cuidadores e pessoas com deficiência, desenvolvendo projetos de inserção social que estimulam um imaginário ativista e o potencial para desenhar futuros esperançosos e sustentáveis. Centrando-se na escuta como metodologia artística e na voz como agente sociopolítico, aborda temas de justiça ambiental e social. Os seus projetos destacam modos alternativos de ação e solidariedade, estimulando a atenção crítica e a dignidade humana. Recentemente, foi diretor artístico do evento inaugural “Universe of Solutions” (*Creative Cities Network* da UNESCO) que reuniu 150 jovens. Exposições em grupo incluem: 54.^a Bienal de Veneza (2011); Manifesta 9 (Genk, 2012); 19.^a Bienal de Sydney (2014); Kochi-Muziris Biennale (2016); MediaCity Seoul (2015); British Art Show 8 (2016-17); 2.^a Bienal de Internacional de Arte Contemporânea de Riga (2020); 2.^a Trienal Saitama (Japão, 2024).

Das apresentações em nome individual, destacam-se: *Voices, Communities, Ecologies* (Liubliana, 2024); *Because We Are Together* (Atenas, 2023); *Ferocious Love* (Liverpool, 2020); *For Many Voices* (Middlesbrough, 2019-20); *Children of Unquiet* (RU, 2019-20); *I Hear You* (RU, 2019-20); *Mikhail Karikis* (Tóquio, 2019); *No Ordinary Protest* (Londres, 2018); *Ain't Got No Fear* (Turku, 2018); *The Chalk Factory* (Aarhus European Capital of Culture 2017); *Love Is the Institution of Revolution* (Luxemburgo, 2017). Incluem-se também atuações musicais em Covent Garden e no Barbican Centre, bem como colaborações musicais com Björk, DJ Spooky e a editora belga Sub Rosa.

O ano de 2025 inclui uma mostra de carreira no Kunstmuseum St. Gallen, na Suíça, e uma exposição individual no The Showroom, em Londres.

Artallis – Conservatório d’Artes de Loures

O Artallis tem como missão “Inspirar, envolver e educar para um mundo melhor, através da arte”, nomeadamente através da oferta de cursos de formação artística especializada na música e na dança para todos os níveis de ensino básico e secundário, em articulação com o Ministério da Educação. Escola de ensino artístico especializado do Concelho de Loures, o seu surgimento, em 2008, está ligado a um profundo desejo de criar espaços para o fortalecimento de uma comunidade com dificuldades de acesso ao ensino artístico. Tem desenvolvido um trabalho pedagógico, artístico, cultural e social com um impacto extraordinário, mobilizando cerca de 8000 pessoas e desenvolvendo uma ferramenta pedagógica única e distintiva que combina percussão corporal e voz, e fazendo da música uma ferramenta poderosa de integração social.

Coro e Percussão Corporal: Afonso Dias, Afonso Ferreira Leal, Ana Raquel Antunes, António Joaquim, Bárbara Carolina, Beatriz Alves, Bianca Silva, Bruna Esteves, Carolina Fernandes, Carolina Ferreira, Carolina Silva, Dionylson Afonso, Duarte Alves, Duarte Henriques, Eduardo Portugal, Fábio Teixeira, Francisco Castelhana, Gabriel Silva, Guilherme Lopes, Guilherme Pereira, Inês Palma Bruno, Inês Portela, Isabel Jorge Valente, Jéssica Raimundo, João Brilhante, Josias Carvalheiro, Leandro Semedo, Luana Cambim, Mafalda Vizinha, Márcia Santos, Margarida Emídio, Margarida Teixeira, Maria Batalha, Maria Alice Prazeres, Maria Bártole, Maria do Mar Faísco, Marta Leal Fortunato, Martim Cabral, Matilde Marques Casimiro, Nicole Benavente, Pedro Bravo, Pedro Sousa, Rita Colucas, Rodrigo Mota, Sara Henriques e Tiago Oliveira

Direção Artallis: Isaac Fernandes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Álvaro Pereira CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwal

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Nelson Nogueira
Miguel Simões

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Gonçalo Lélis
Raquel Reis
Jeremy Lake
Hugo Paiva
João Valpaços
Maria Leonor Moniz
Pedro Fernandes

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Paulo Carmo 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

PIANO

Inês Mesquita 1º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

